

RODA
VIRAR
OUTRAS
PALAVRAS
TRICOLORS

PAULO
ROBERTO
ANDEL

VILA
REJO

RODA
VIRAR
OUTRAS
PALAVRAS
TRICOLORS

PAULO
ROBERTO
ANDEL

VILA
REJO

Copyright © Paulo-Roberto Andel, 2017

Todos os direitos reservados

Coordenação editorial

Paulo-Roberto Andel e Zeh Augusto Catalano

Capa, projeto gráfico e revisão

Paulo-Roberto Andel

Vilarejo Metaeditora

www.vilarejometaeditora.com.br

Andel, Paulo-Roberto, 1968

Roda Viva 2 – outras palavras tricolores

Vilarejo Metaeditora, 2017

ISBN 976-85-919295-2-1

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra
sem prévia autorização

1ª Edição

2017

SUMÁRIO

Oito horas	07
Gum em Barueri	19
FH pega tudo	23
Ao pequeno jovem tricolor	29
A batalha do Couto Pereira	35
Flora Purim	45
Fernanda Britto	49
Cláudio Adão, a fera	55
Um dia em Caio Martins	59
Denílson, Rei Zulu	67
O ambulante tricolor	71
Rubens Galaxe, espírito do Flu	75
Dá-lhe, Mário!	81
Moacy Cirne, gênio tricolor	85
O que você sabe do Fla-Flu?	93
Afonsinho e o Fluminense	99

Obrigado, Berna	105
Quando Caju foi Sonny Rollins	113
Meus amigos do Fluminense que ruge	119

OITO HORAS

2017

I

Eu tinha acabado de tomar uma cerveja com pataniscas no Pavão Azul, bar consagrado de Copacabana, ao lado de minha amiga Mitya Ghidini. Ela esperava seu marido Ricardo, já que iriam para a famosa Feira do Rio Antigo, na Rua do Lavradio, enquanto eu iria almoçar e passar o tempo até encontrar meu amigo Luiz Couceiro, grande escritor do Fluminense, chegado do Maranhão. Era em torno de uma e meia da tarde.

Descendo a Rua Hilário de Gouveia, bem em frente ao tradicional restaurante À Polonesa, mas na calçada inversa, sou chamado por um simpático senhor de idade, com boina, baixinho.

Naturalmente ele me conhecia, pois me perguntou se eu não era o filho do Helio. Nove anos depois de sua morte, a uma hora daquele jogo

fantástico contra o São Paulo pela Libertadores 2008, a simples menção do nome de meu pai me emociona. Fiquei atordoado por alguns instantes, eu disse que sim. E então iniciamos uma rápida conversa sobre o Fluminense, puxada por ele. Um elegante tricolor de boina, pois.

Ele me perguntou de eu estar trabalhando na televisão, quando na verdade fiz apenas algumas participações por causa de meus livros. Falei para ele do meu blog, conversamos da preocupação do jogo de mais tarde contra o Botafogo, trocamos um abraço e fomos embora.

O que me intrigou foi que não reconheci a princípio o velhinho. Muitas vezes já fui parado nas ruas em toda a minha vida por amigos do meu pai, que veem em mim uma grande semelhança física com ele. Curioso é que o mesmo acontecia no passado com as amigas da minha mãe, falando exatamente da minha semelhança com ela. Quem era aquele senhor que me parecia familiar, mas de quem eu não me lembrava na

hora? E eu nem perguntei seu nome, mexido que fiquei com a história breve e a lembrança de meu pai. Bom, o tempo passa, passa vigoroso, os contemporâneos dos meus pais estão ou estariam na faixa dos oitenta anos, muitos já se despediram. A vida é isso.

II

Almoçando no restaurante Quitutes da Deuza, na Rua Figueiredo Magalhães, saboreando uma bacalhoadada, faço hora para encontrar Luiz, espio os CDs que comprei de manhã no sebo L. O. Matta - uma referência cultural de Copacabana. Na rua, vejo Seu Couceirão, Jorge Couceiro, pai do Luiz, conversando com quatro senhoras bem apanhadas da Associação de Moradores - ele mora ao lado do restaurante. Termino o prato e, para queimar o tempo que resta até a chegada do amigo, resolvo pegar o Metrô e dar uma passada na Travessa de Botafogo, e ainda no sebo Luzes da Cidade.

Mas afinal, quem era aquele simpático velhinho tricolor que surgira como um bom presságio para o Clássico Vovô, fundamental para a salvação do Fluminense no Campeonato Brasileiro de 2017?

III

Travessa de Botafogo maravilhosa, mas cara. No Luzes da Cidade, Digable Planets e o Medeski, Martin & Woody. Duas raras e excelentes oportunidades musicais, compro e vejo a hora. Luiz já está chegando em casa, onde disputamos antológicos campeonatos de botão por uma década. O metrô fica a cem metros, embarco rapidamente e logo estou de volta à Figueiredo Magalhães, rua onde morei por dezessete anos - e de onde comecei a partir para o Maracanã em busca do Fluminense, desde os tempos em que os ônibus 434 e 435 eram brancos, com uma faixa lateral azul e outra vinho escuro - depois eles foram pintados de laranja e isso naturalmente tinha tudo a ver com Laranjeiras.

IV

Seu Manoelzinho não está mais na portaria, mas o novo funcionário é muito simpático. Subo, espio a brilhante porta pantográfica, logo depois estou abraçando meu amigo Luiz, sua esposa Rejane e seu filho Fernando, que é a nova joia da torcida tricolor. O neném é um clone pequenininho do pai.

Por alguns instantes na sala, eu me lembro de quando a família morava no andar de baixo. Assim que mudaram, o primeiro jogo que vimos lá foi entre Fluminense e Atlético Mineiro, 1990. Perdemos feio. Faz parte da vida. E então começamos a nossa conversa divertida por horas, às vezes entrecortada por nossas preocupações sociais num país destroçado, a arte, os amigos e, claro, o nosso Fluminense. Então lhe conto o encontro com o simpático velhinho que conhecia meu pai, e me penitencio porque eu tinha que me lembrar dele, minha memória é de ferro em brasa, como pude ter sido tão estúpido em não ter perguntado

seu nome? Nove anos depois de sua morte, Hélio Andel ainda me atordoa com sua ausência física, e me entristece saber que ele nunca pode ler um livro que fiz sobre o nosso time.

Algumas risadas e reflexões depois, o Fluminense sempre presente, chega a hora de ir. O jogo começa às sete da noite, estou cansado depois de um dia de muito calor, ainda preciso escrever sobre o clássico. Dou um abraço na família, teremos outro encontro semana que vem.

O porteiro volta a ser simpático, me despeço e adentro a Estação Siqueira Campos. Dá uma saudade enorme do 434.

V

Quinze minutos depois, já estou na Cinelândia fazendo a conexão com a linha 247, que me deixa em casa em cinco minutos. Exatamente quando passo na roleta, minha memória balança feito a rede num gol: o

elegante senhor que estava na Rua Hilário de Gouveia chama-se Mendel, o mesmo nome do meu tio, e era muito amigo do meu pai. Ele teve uma loja que vendia calças jeans - quando elas ainda eram raridade - num dos locais mais *cult* do Rio: o Centro Comercial de Copacabana, que já foi um marco comercial do bairro e cujo prédio de salas comerciais abrigava desde as melhores garotas de programa da região até o escritório de Mister Ibrahim Sued, uma lenda do colunismo social brasileiro.

Nós fomos juntos numa partida do Fluminense no ano de 1981, contra o Paysandu no Maracanã. Veio tudo à tona como num filme: era um sábado à tarde, meu pai não foi ao jogo - pela primeira vez ele não estava comigo -, Mendel me levou em seu carro que era um Fusca, se não me engano, azul. Ele tinha os ingressos para as cadeiras azuis do antigo e querido estádio, foi a primeira vez na vida em que ingressei naquele setor. Vencemos por 4 a 1 e Cláudio Adão, o maior camisa 9 do Fluminense que vi jogar, deu um corta-luz em que dois

zagueiros do Paysandu bateram cabeça e caíram no gramado, lavamos a alma.

Eu não via Mendel há muitos e muitos anos. Foi bom revê-lo, está bem, caminhando sozinho na imortal atmosfera de Copacabana. Encontrá-lo não pode ter sido em vão.

VI

Ligo a TV quase na hora da saída do meio de campo. Mal começa o jogo e o Fluminense leva um gol - Renato Chaves, que fez dois gols no meio de semana, falhou feio. Nervosismo, pressão e meia hora de cabeças confusas, até que o time começa a se ajustar e pressiona o excelente conjunto do Botafogo. Termina o primeiro tempo em desvantagem, mas já retoma a partida colocando uma bola no travessão, com Gustavo Scarpa. E empata com Marcos Jr., símbolo da garra tricolor, num chute forte.

Perto do fim do jogo, o garoto Matheus Alessandro - que no domingo

passado mal tinha conseguido ficar em campo por um minuto, saindo contundente na partida diante do Bahia - acerta um chute cruzado da direita no melhor estilo Uruguai 1950, e o excelente goleiro Gatito Fernández não consegue interceptar. O Fluminense vira o jogo, ganha seu primeiro clássico do ano de 2017, chega a 42 pontos e começa a espantar de vez qualquer ameaça de rebaixamento.

VII

Foi uma vitória de todos nós, todos, mesmo daqueles que insistem em se julgar melhores do que os outros numa vida efêmera onde todos seremos carne podre ou incinerada. Quando o jogo acabou, tirei cinco toneladas das costas, chorei ao lembrar do Helio, lembrei do Luizinho, do Mendel e aí entendi finalmente o que Nelson Rodrigues sempre quis dizer quando falava, com propriedade, das vitórias tricolores escritas há cinco mil anos. Cada uma das pessoas que encontrei neste sábado fazem parte do Fluminense que eu vivi

e ainda vivo demais. Daquela juventude incrível no velho Maracanã de 1981 ao lado de Mendel, passando pela mocidade com o Luizinho num Fluminense de glórias e lutas, de Assis a Ézio, de João Santos, Bobô e Renato Laércio, de Ricardo Pinto, Nei e Wellerson, do caos à redenção. Da Rua Figueiredo Magalhães, de onde tantas vezes parti para ver belas e sofridas vitórias do meu time. Do reencontro com a memória de meu pai e uma noite de vitória.

Vou procurar o Mendel na internet e mandar um livro de presente para ele. Sua presença neste sábado trouxe o Fluminense para seu caminho inequívoco.

O Fernando um dia vai ganhar uma crônica, assim como o Lucas, filho do Leo.

Há um Fluminense que eu vivi, o que ainda vivo e aquele que está fadado à eternidade, nos olhares infantis dos nossos pequeninos sucessores.

Há o Fluminense de Mendel, indestrutível. Há o Fluminense de Helio Andel, em algum lugar que não sei dizer desta breve história do tempo.

GUM EM BARUERI

2010

Estávamos absolutamente extasiados, depois de um dia de maratona: quinhentos quilômetros de viagem, um calor desértico, tensão, preocupação e uma vitória sensacional sobre o São Paulo por 4 a 1, resultado que nos colocou a dois passos do sonhado título do Campeonato Brasileiro, esperado desde 1984, ainda que parcialmente aliviado pela conquista da Copa do Brasil de 2007. A partida foi disputada na Arena Barueri.

Depois de uma enorme confusão na saída do jogo (a torcida são-paulina veio pra cima, a polícia paulista afrouxou como sempre e a Young Flu evitou o massacre dos tricolores presentes), veio a paz e fomos para a entrada da garagem, por

onde passariam os jogadores. Eu estava com Leo Prazeres.

O primeiro a surgir foi Ricardo Berna, goleiro que assumiu a titularidade e se manteria invicto até o fim da competição. Ele nos atendeu com toda a educação, mas demonstrou claramente que estava insatisfeito com sua falta de valorização, o que era uma realidade. Estava chateado com razão.

Logo depois, do outro lado do portão, apareceu o Gum. De longe, a torcida gritava. Eu e Leo chegamos mais perto, e meu amigo começou a gritar “Ô, GUM! Ô, GUM! VENHA CÁ, Ô GUM!”. Em vez de se aproximar, o zagueiro quase recuou, acenando timidamente para nós, com um discreto sorriso travado, na verdade bem amarelo. Deu um tchau de longe e se mandou. Ficamos incrédulos ao ver sua reação: o Fluminense tinha feito um partidaço, estava com tudo em cima para conquistar o sonhado

título e lá estava o nosso zagueirão com cara de bife sem tempero, já frio no prato.

Na estrada, depois do jantar em São José dos Campos, aí tivemos um estalo: o desconforto de Gum aconteceu por um acidente fonético. Ao ouvir os gritos de “Ô, Gum!”, o querido Wellington, um dedicado evangélico, associou os brados de Leo ao orixá de Umbanda, criando um conflito religioso. E então entendemos e gargalhamos muito a valer, a 150 quilômetros por hora rumo ao Rio de Janeiro, tendo Raphael ao volante e Álvaro Doria se borrando de medo no banco de trás, devido à velocidade.

FH PEGA TUDO

2007

Depois do empate na primeira partida da decisão da Copa do Brasil de 2007, a enorme torcida do Fluminense deixou o Maracanã em silêncio apreensivo. Nas antigas cadeiras azuis, fiz questão de fazer o contrário: comemorei como nunca. Explico: depois de sofrermos um goloço do Figueirense a menos de dez minutos do fim do jogo, tivemos força para reagir e igualar o marcador com o eterno Adriano Magrão.

Para apoiar o time, fui às Laranjeiras acompanhar o último treino do Flu antes de viajar para Florianópolis. Domingo ensolarado de manhã na Rua Pinheiro Machado, muita gente nas arquibancadas e sociais.

Em si, a preparação foi bastante descontraída. Em metade do gramado, um alegre "golzinho" entre um time com camisa e o outro, sem. Nem preciso dizer quem era o atacante dos descamisados, permanentemente na banheira e com uma camisa amarrada na cabeça, reclamando o tempo todo da arbitragem. Havia uma leveza no ar, já distante do empate em casa no primeiro jogo.

Na outra parte do gramado, mais próxima da arquibancada tricolor, uma trave colocada na linha lateral. No gol, o polêmico e contestado Fernando Henrique, único goleiro do planeta a dar as costas para o campo e saudar efusivamente a torcida tricolor... com o jogo em andamento. Reconheço: sempre respeitei o profissional, mas nunca fui fã de sua performance. Mas naquela manhã de domingo resolvi refletir: aproveitei a verdadeira pelada que tinha se transtornado o apronto,

abdiquei das fanfarrônicas do centroavante Renato Gaúcho e me concentrei no treinamento de Fernando Henrique, junto de Ricardo Berna.

Um, dois, quinze, cinquenta chutes fortíssimos à queima-roupa. Uma sucessão de arremessos nos cantos e ângulos. Cruzamentos. Tome dali e de lá, Fernando Henrique parecia muito diferente do habitual: voava em todas as bolas, priorizava as mãos em vez dos pés (sua marca), mostrava uma tranquilidade enorme. Em quase meia hora, com todos os movimentos possíveis, nenhuma bola ganhou as redes, até que os goleiros pararam um pouco e foram receber instruções do preparador. Em resumo, FH pegou tudo. Pensei comigo mesmo: "se esse cara fizer em campo metade do que fez neste treino, o Fluminense não vai tomar nenhum gol no Orlando Scarpelli".

Por volta do meio-dia, fui almoçar confiante demais na Churrascaria Gaúcha na Rua das Laranjeiras. Nunca tinha visto Fernando Henrique tão bem em qualquer partida quanto naquele treino. Minha empolgação foi tanta que tentei comprar a passagem para Santa Catarina, mas infelizmente não consegui viajar por causa de compromissos profissionais.

Na quarta-feira seguinte, veio a grande decisão. Tudo foi diferente: o Fluminense, acostumado a marcar gols decisivos no fim, abriu o placar no comecinho da partida, depois de um jogadaço de Adriano Magrão para a categorizada conclusão de Roger, matando no peito e finalizando com categoria. Depois, o grande nome do jogo foi Fernando Henrique: repetiu a performance do treino de domingo e pegou até pensamento. Calejado na competição, o Fluminense segurou as pontas, aguentou a pressão do

mandante, reverteu a quarta vantagem de mando de campo consecutiva (superara Bahia, Atlético-PR e Brasiliense) e conquistou sua primeira Copa do Brasil. O time, que meses antes havia sofrido para permanecer na competição, chegando a perder para o América de Natal em pleno Maracanã, iniciaria uma jornada fantástica e vertiginosa para o bem e para o mal: faria um grande Brasileiro em 2007, chegaria ao brilhante vice-campeonato na Copa Libertadores de 2008, teria duas incríveis batalhas contra o rebaixamento em 2008 e 2009, para tudo desaguar três anos depois no grande tricampeonato brasileiro em 2010 - onde o próprio Fernando Henrique, já em má fase, seria barrado por Ricardo Berna.

Um dos períodos mais ricos histórica e sentimentalmente do Fluminense começou a ser escrito num rachão de domingo de manhã,

com o treinador pagando de atacante e o goleiro irregular pegando todas as bolas impossíveis num treino.

Fernando Henrique viveu altos e baixos no Fluminense, mas é impossível não reconhecer sua importância no primeiro título nacional do Tricolor desde 1984 - e que escapara em 1992 na garfadíssima final contra o Internacional no Beira-Rio -, bem como no passo mais alto do Flu na América.

AO PEQUENO JOVEM HOMEM TRICOLOR

2017

Um pequeno jovem homem tricolor, magro e tímido, com suas vestes humildes, pega o trem na estação Central do Brasil, uma terra de muita gente trabalhadora, honesta, mas também de sofrimento, carência, dificuldade e tanta coisa difícil num país em frangalhos que parece definitivamente dar seus passos rumo à autodestruição – e enquanto ela não vem, o futebol serve de entorpecente, de fábrica de pequenos sonhos que jamais serão realidade, de pequena esmolinha para as almas tristes. Talvez seja um trabalhador oprimido, um desempregado à procura de oportunidades, qualquer coisa.

A esgarçada e humilde camisa do Fluminense, chamada “pirata” porque não foi comprada nos templos

comerciais que cobram uma fortuna para que alguém seja um “torcedor de verdade”, não deixa dúvidas: ele vai saltar solitariamente em Derby Club, palco das antigas e admiráveis multidões que hoje já não habitam a vizinhança de um Maracanã sabotado, corrompido, destruído em nome da ganância de corruptos nojentos completamente alheios ao povo, ao próximo, ao país.

É um garoto que talvez não tenha mais de 30 anos de idade. Carrega no rosto um sofrimento evidente imposto pela vida excludente que chicoteia a milhões de brasileiros, façam chuva, sol, os dois simultaneamente ou nenhum deles. Mas ali ele deixa de ser um jovem pobre e passa a ser apenas um dos apaixonados pelo Fluminense, que o perseguem como se este fosse uma procissão interminável, feito aqueles que vêm lá de longe e têm tolerado tudo: o abandono das Laranjeiras, a

gourmetização do Maracanã, a violência que vai e vem ceifando inocentes. O que ele procura é um pouco de amor. Um punhado de amor nesta vida fria e perdida de julho, diante do grande rival de mais de cem anos.

Suas parcas economias pagaram o bilhete de acesso. Com a leveza de quem é verdadeiramente triste, ele segue absolutamente sozinho, calado, tímido, magro, dando a volta pelo outrora palácio do futebol e passa pela catraca. Sobre a rampa. Quem é sua família? Seus amigos? Onde ele mora? Não está interessado em conversas, fofocas, milhões de notícias inúteis, mentiradas, ódio e todo este mar de imbecilidade que a internet tem oferecido ao clube. Tudo o que ele quer é encontrar uma cadeira em bom estado, sentar-se e ver o seu Fluminense jogar um partida de futebol contra o Botafogo. Se puder ter alguma festa, seu

coração triste encontrará alguns momentos de afago; se não for possível, as cores do Flu já bastam. E quando o time entra em campo ele dá sua única risada, rápida e esquelética. É seu único momento feliz do dia.

Por alguns instantes, passam ao largo todas as mazelas, todos os fracassos, toda a tristeza. Era só ver o Fluminense e enxergar nele um irmão sincero, um correto amigo, um abraço fraterno, uma esperança de vida. No Maracanã, Um pequeno jovem homem tricolor, magro e tímido, com suas vestes humildes, deixa a derrota da vida de lado por uma hora e meia, enquanto vê o Fluminense e aquece seu coração quase perdido. A mesma cena há de se repetir em várias biroscas do Rio de Janeiro; em pequenas luzinhas de barracos onde o nosso time é a atração principal numa televisão engatilhada; num velho rádio que ainda ecoa suas vozes inigualáveis; em pequenos grupos de

gente que se abraça, ou apenas se entreolha, quando há um sentimento de proximidade do nosso time do coração, o nosso Fluminense, o nosso Fluzão que também cativa os ricos, os bem nascidos, os felizardos integrantes da elite econômica, mas que aqui, apenas aqui, é um pedacinho de papel lembrando que há gente muito sofrida, triste, quase desenganada, mas que faz desta hora do time em campo uma poesia digna de Cartola.

Os olhos tristes do menino homem vão se encher de água quando o Fluminense der a saída e disputar cada bola, cada jogada, evitando sequer piscar. É um aprendizado a cada jogo, um eterno recomeço de vida a cada três dias, a dos sonhos, que alivia por algum momento as nossas cruéis realidades e, quem dera, pudesse servir para espantar a tempestade de cólera que, sem sentido, tem nos afogado em vão.

A BATALHA DO COUTO PEREIRA

2009

Já se passaram vários dias da partida entre Fluminense e Coritiba, que pode ser descrita como a mais importante dos últimos dez anos para a nossa torcida, e somente hoje tomei a iniciativa desta crônica, meus caros amigos. Eu não tenho o talento para escrever sobre o time que amo sem vestígios de emoção; assim, preferi aguardar um pouco para tentar ver de forma mais sóbria tudo o que nos cercou nestes dias e meses de aflição, temor, luta e a valorização de nossa camisa centenária a tal ponto que ninguém duvida: a Gávea pode ter sido campeã, mas ninguém tira das Laranjeiras o posto de grande vencedora do ano.

Era preciso esperar para refletir e entender a grandeza de todo este momento, de tudo o que passamos e conseguimos.

Olhar o passado recente, olhar todos os obstáculos enormes que foram superados e comemorar, comemorar mesmo.

Não importa que não seja uma taça – temos centenas em nossa sala de troféus. O que estava em jogo era a nossa dignidade, e isso ninguém conseguirá rebaixar.

O Tricolor tem a vocação da eternidade, nos ensinou Nelson Rodrigues. E também tem a vocação de subverter todos os maus prognósticos que lhe sejam indicados. Assim se fez a nossa história.

Desta vez, contudo, o massacre da mídia foi tão violento que, num momento, a nossa amada torcida quase desistiu: foi no Fla-Flu. Vínhamos de uma má campanha, mas já era possível perceber tênues mudanças na equipe. E então jogamos a partida contra eles sem nossa torcida, o que nos custou caro: dominamos o primeiro tempo, tomamos o primeiro gol por causa da

contusão do nosso valente zagueiro Digão e a derrota aconteceu. A chamada crítica especializada abriu sorrisos: era o enterro do Fluminense.

Piadistas de plantão, fanfarrões e bobos-da-corte por todos os lados a cantar a nossa tragédia.

O que nenhum deles sabia é que aquela seria a nossa última derrota no campeonato – e, a partir dali, o Fluminense ressuscitou para ser o Fluminense de sempre, o time que não desiste nunca, o time do último minuto, o time contra ninguém canta vitória antes da hora. Com seus sorrisos de satisfação, Kfourri, Renatourício, Vasconcellos e toda a plateia, mais os efeminados da Paulicéia, jamais desconfiaram de que cometeriam a maior “barriga” de suas carreiras jornalísticas ao afirmarem que o Fluminense era um time rebaixado.

O resultado é que todos eles foram rebaixados em termos de credibilidade. O Fluminense trocou as

falácias flácidas da imprensa pela obsessão *catalânica* da vitória. O Fluminense se tornou um vampiro, ávido pelo sangue do triunfo. O Fluminense que me faz chorar de alegria e encher o peito de oceânico orgulho.

O jogo contra o Coritiba foi uma batalha dramática. Não podíamos contar com outro resultado que não o nosso, embora o empate nos beneficiasse. Foi uma pressão enorme. Não se pode esquecer que, em seus domínios, o time da casa goleou os campeões por cinco a zero. Mas também é verdade que fomos logrados pelo apito: o gol de Fred foi legal e a bola ultrapassou a linha final. Merecíamos a vantagem desde antes; Marquinho fez as nossas e acertou um belo chute de longe, no canto esquerdo do goleiro Vanderlei, abrindo placar. O Fluminense era melhor, mas o Coritiba era pressão; o empate veio logo depois numa cabeçada deles e o Couto Pereira veio abaixo. Jogamos bem e suportamos o inferno verde com galhardia. Um

primeiro tempo sem nocautes, apesar do golpe com o gol sofrido. Quando voltamos, o que sei é que cada segundo valia um ano. Os sinais de rádio e tevê ecoavam, a bola cruzava nossa área, Rafael estava sempre atento, mas o temor era evidente, dado que temos um verdadeiro exército da má vontade contra nós.

Foram dez vitórias, foram gols de Fred em quase todos os jogos, o Fluminense chegou à rodada final dependendo somente de si para matar o descenso e tudo isso não poderia ter sido em vão. Em muitas vezes, pensei nos meus amigos de arquibancada, os de coração, os da Fluorkut, em toda a nossa torcida. Havia um misto de agonia e medo, mas também a confiança de que tínhamos nos tornado de vez o time de guerreiros que tanto aplaudimos nestes meses recentes.

O time que, do nada, ressurgiu diante da América e só não a conquistou por força de uma trapaça

física, no pior sentido que podemos depreender.

O time que, rodada após rodada, ofereceu tapas com luva de pelica aos seus detratores.

O time que trouxe de volta sua linda e apaixonada torcida para noites inesquecíveis contra o Atlético Mineiro, Cerro Porteño e o time equatoriano, afora outras tardes maravilhosas de êxito contra o Palmeiras, o Atlético do Paraná e o Vitória, que foi trucidado com os Leandros rancorosos.

O time que goleou o Sport impiedosamente, mas com respeito. O time que virou um jogo perdido contra o Cruzeiro e seu Mineirão lotado.

Caros amigos, caros senhores: este é o time que promoveu a maior virada da história do futebol brasileiro em todos os tempos. Era um time dado como morto, mas que saiu caminhando a passos rápidos do

hospital. Não seria esse time que perderia a partida no Couto Pereira.

Cada minuto, um ano. A pressão do Coxa, incipiente mas constante. Segurávamos como podíamos. Pela primeira vez em muitos anos, tínhamos uma vantagem do empate a nos resguardar. Passou um cinquentenário e o jogo acabou. Infelizmente, fomos algozes de mais um time em seu centenário e o Coritiba foi rebaixado, fato que provocou a fúria de uma minoria que não representa a fidalguia do clube e, seguida, a invasão de campo com ações de vandalismo aterrorizantes. No meio de todo o cenário trágico, eu lembrei de quase meio século atrás: vencemos o Bahia e já comemorávamos a classificação para a segunda fase do campeonato brasileiro, quando o Coritiba fez um gol aos 47 minutos do segundo tempo, se classificou no nosso lugar e foi campeão daquele ano. Hoje, tanto tempo depois, coube a nós o papel cruel de um algoz.

O Fluminense não vai morrer. O Fluminense não caiu. O impossível não nos vence, nem a matemática.

Aos mais jovens, peço que guardem estes três meses com carinho. Em cinquenta anos eles não serão repetidos. Eu não verei uma reação dessas na Terra novamente. De tanto tentarem nos impingir uma falsa pecha a respeito de viradas de mesa, resolvemos fazer dentro do campo a maior virada de todos os tempos no futebol brasileiro.

Este ano não se encerra com os títulos que ansiávamos. Mas o fechamento dele é inesquecível e digno dos mais belos, sofridos e admiráveis momentos de nossa história. Terminamos esta partida com um empate em um a um, mas tenho certeza de que foi uma das maiores vitórias que conquistamos em cento e sete anos. A vitória contra o deboche. A vitória contra o preconceito midiático. A vitória contra os falastrões desastrados.

Aproveito as últimas linhas deste ano para agradecer a todos os que compraram essa luta que apenas parecia impossível. O Tricolor voltou. Toda a nossa torcida presente em campo, no Maracanã, por todo o Brasil e na América. Nossa comissão técnica, que se esmerou para formatar o time de guerreiros. Nossos jogadores, que deram tudo por essa camisa mágica e que, se não conquistaram uma taça, ganharam para sempre nosso carinho, respeito e admiração. Creio que todo o elenco se sinta bem representado pelos nomes de Conca e Fred.

Aos pascácios que debocharam de nós e tiveram de recolher suas caras amassadas ao final do ano, convém um lembrete: já temos uma forte base, temos craques e uma torcida mais apaixonada do que nunca. Talvez os dissabores que tenhamos sentido esse ano nas decisões de títulos sejam dissipados mais breve do que se imagina.

Até 2010. Quem espera sempre
alcança.

De nós, só duvidam os tolos.

FLORA PURIM

2017

Há pouco, meu amigo Jorge Medeiros, exímio pesquisador vascaíno, me mandou um material sensacional. Ele procurava dados sobre a Colina e se deparou com uma foto e uma notícia de uma jovem atleta do Fluminense em competição de saltos ornamentais, chamada Flora Purim.

Para os mais jovens e, pode-se dizer, os brasileiros em geral, num país onde, a cada quinze anos os nossos bravos nativos se esquecem de tudo o que aconteceu nos quinze anos anteriores – sacada genial de Ivan Lessa – ou até dias, se nos concentrarmos na Seara política -, o nome de Flora Purim hoje talvez não chame tanta atenção. Aliás, certamente não chama, porque as pessoas estão menos ocupadas com

arte e mais com a interminável bobajada das redes antissociais.

Flora Purim é hoje uma senhora de 74 anos. Radicada nos Estados Unidos por décadas, divide seu tempo com a cidade de Curitiba e em apresentações pelo mundo.

É uma das maiores cantoras de jazz da história – tendo sido indicada como Top 1 da revista *Downbeat* (considerada a bíblia do gênero musical) por quatro ocasiões consecutivas nos anos 1970 -, construindo boa parte de sua carreira ao lado de seu companheiro Ayrto Moreira, fantástico percussionista que integrou o maior conjunto da história da música instrumental brasileira, o Quarteto Novo, ao lado de gigantes como Théo de Barros, Heraldo do Monte e o tricolorzaço Hermeto Pascoal.

Gravou com nomes da estatura de Gil Evans, Stan Getz, Carlos Santana, Chick Corea.

Enfim, monstruosa.

É certo que nossa representação pelo mundo afora seja feita por artistas do mais alto quilate, consagrados mundialmente, vide os exemplos de Gilberto Gil, Maria Bethânia, Ivan Lins, Sérgio Britto, Ítalo Rossi, Fernanda Montenegro e muitos outros, mas nos enche de orgulho saber que uma das mais respeitadas estrelas do jazz nos últimos 50 anos tenha defendido as cores do nosso Fluminense com garbo nas piscinas.

Nesta manhãzinha de quarta-feira, no mínimo um bom presságio para o jogo duro de logo mais, diante do Inter. Serenidade, humildade e muito talento em busca da quinta vitória consecutiva na temporada

2017, bem ao estilo inconfundível da arte de Flora Purim.

Ao amigo Jorge Medeiros, meu muito obrigado pela informação relevante.

FERNANDA BRITTO, UMA
ARQUIBANCADA

2016

Há pouco, antes de cumprir o doloroso ofício de réquiem, espiei as redes sociais, este universo que deveria ser tão belo, mas que parece desencanto quando o assunto é Fluminense.

Encontrei dezenas e dezenas de pessoas, homens e mulheres, jovens e adultos, todos falando da nossa querida Fernanda. Incrédulos, chorosos, abismados com uma passagem tão precoce e súbita.

A vida e a morte são assim: temos muitas dúvidas, tropeçamos, rimos, choramos e, por isso, vivemos.

É muito difícil escrever agora, mas vamos lá.

Fernanda foi uma das grandes torcedores do Fluminense em sua história. Não por marketing, documentos, aferições, nada disso. E nem precisava: qualquer pessoa que esteve perto dela por um mísero minuto, em qualquer arquibancada, pode testemunhar a respeito. Das espeluncas do Cariocão ao *gourmetizado* estádio que agora mora no lugar do Maracanã.

Às vezes no outrora maior do mundo e, depois, mais no Engenhão, nos víamos e levantávamos as sobrancelhas como se fosse um olá. Numa noite depois de um jogo que ganhamos, ao me ver na saída ela me abraçou e disse o que muitos repetiram a seguir: “Ah, você que é do PANORAMA!”. De certa forma, ela é um nome nosso.

Num belo dia, viajamos juntos para um jogo. Não paramos mais. Vivemos anos e jornadas incríveis, comemoramos e sofremos. Vibramos

com o tetracampeonato, nos desesperamos com o segundo semestre de 2013, ressuscitamos e encontramos alívio.

Fernanda foi uma presença constante nos lançamentos dos meus livros sobre o Flu. Sempre arrebatava as câmeras com sua tatuagem tricolor no ombro esquerdo. Falante, comunicativa, simpática, com sua voz de trovoada, ela já chegava de longe e vinha varrendo as gentes pelo caminho, feito uma incansável militante das nossas três cores imortais.

Bebemos grandes chopes, trocamos angústias, cantamos, gritamos e fomos felizes por segundos. Falamos de música, de sonhos e de planos. Ela veio gravar conosco aqui e virou um mito da casa. Inventou um apelido para mim. Num sábado, tivemos uma tarde mitológica no Cafeína de Copacabana ao lado do nosso escritor Luiz Couceiro, onde ela

definia um conceito desafiador: o de “mulher de torcida”. Isso vai estar no meu livro sobre Copacabana, que sai ano que vem.

Há pouco tempo, tivemos nosso último encontro num momento difícil: o velório de sua mãe. Conversamos, tentei lhe passar boas energias, ela estava serena.

Ficamos de marcar uma nova gravação do PANORAMA. Não deu tempo.

Fernanda carregou o Fluminense na pele, no coração, na dedicação. Muitos de seus amigos foram feitos nas arquibancadas. Muitos a viam e logo a identificavam.

Algumas vezes eu a vi chorar, mas hoje eu só penso em seu sorriso, sua eloquência, sua imponência. Agora o choro é todo meu. Estamos aqui, eu e Marina, numa sexta-feira

sem viço, olhando para o nada e tentando encontrar algum conforto.

O Fluminense perdeu uma grande torcedora, eu perdi uma grande amiga, o mundo perdeu uma grande mulher. Mas aqui só me reporto à questão física: quem passou uma única tarde com ela não a esquece. Ela continua por aqui de algum jeito: eu a vejo nos rostos e falas de Isabela, Duda, Lari, Dinho, Babi, Bel, Rubens, Marcão e tantos, tantos, tantos outros amigos também queridos demais que o Flu me proporcionou.

Aquela tatuagem no ombro merecia uma escultura em bronze.

Para um escritor de verdade, amizades e amores sempre vão aparecer em algumas páginas publicadas. Uma crônica, um poema, um verbete.

Fernanda foi embora feito um furacão. Ela viveu assim: intensa, superlativa, ilimitada. As homenagens sempre serão poucas, mas farei o possível dentro da pequenina parte que me cabe. E também foi um grande, inesquecível e duradouro momento do Fluminense que eu vivi.

Por isso, aqui continua.

CLÁUDIO ADÃO, A FERA

2015

Um ano e três meses. Foi o suficiente para que ele brilhasse como um grande artilheiro, por média entre os maiores da história do clube dentre os que fizeram mais de 50 gols (0,84, com 56 gols em 67 partidas). Nos tempos em que o campeonato carioca era o mais importante do país, brilhou na conquista de 1980, sendo o artilheiro da competição, batendo na final o poderoso Vasco recheado de craques e deixando para trás o Flamengo de Zico, Júnior e companhia.

Cláudio Adão chegou ao Fluminense em baixa. Despontara no Santos, onde era tido simplesmente como um sucessor de Pelé. Uma grave fratura de longa recuperação o levou ao Flamengo, onde seria campeão mas depois emprestado ao Botafogo.

Devolvido pelo Alvinegro à Gávea, foi negociado com o Tricolor por uma ninharia. E era o único reforço de nome para um time que se incomodava com três anos sem títulos. A outra aquisição foi Gilberto, bom meia do Atlético Goianiense.

O Fluminense tinha um time com nove jogadores da base, sendo dois “veteranos”: Edinho (com 25 anos) e Rubens Galaxe (27). Os demais, embora já tivessem atuado pelo clube em anos anteriores, ainda careciam de afirmação. E que jogadores: o goleiro Paulo Goulart, o lateral direito Edevaldo, o zagueiro Tadeu, o volante Deley (no lugar de Givanildo, negociado com o Sport), o meia-esquerda Mário e os pontas Robertinho e Zezé, tendo como treinador Nelsinho – que substituíra Zagallo, contratado em São Januário e dizendo que mudara de ares “porque queria ser campeão”. Flamengo e Vasco eram tidos como favoritos ao

título, enquanto o Tricolor aparecia na condição de azarão. No fim, um timaço. Nunca mais o nosso time teve uma equipe campeã com tantos jogadores feitos em casa.

O Fluminense fez um primeiro turno empolgante, com direito a bater o Vasco duas vezes e golear o Botafogo por 4 a 0, partida onde Cláudio Adão marcou dois gols contra seu ex-time – ambos absolutamente ESPETACULARES – e causou confusão nas arquibancadas adversárias. Depois de um segundo turno irregular, veio a grande final contra o Vasco, vencida por 1 a 0 com o gol de falta de Edinho, no mesmo dia em que Cartola falecia no Rio de Janeiro.

Em 1981, o Fluminense foi também protagonista do melhor jogo do campeonato brasileiro em sua fase de mata-mata justamente contra o Vasco, pelas oitavas de final. No primeiro jogo, o Cruz-Maltino venceu

por 2 a 0 e obteve grande vantagem, mas no segundo confronto o Flu fez 3 a 0 no primeiro tempo. Depois o rival, em jogada conturbada, diminuiu o marcador e ainda faria o segundo gol, numa partida eletrizante onde atacamos até o fim – e com direito às duas torcidas aplaudirem seus times, fato raro num clássico.

Depois do Fluminense, Cláudio Adão jogou por muitas equipes, marcou muitos gols, ganhou títulos e foi uma espécie de andarilho do futebol. Mas é um nome que precisa ser resgatado pelas Laranjeiras, ainda que alguns insistam com a sandice de desqualificar o passado do clube. Entre 1980 e 1981, ele foi a fera, o monstro, o mortífero camisa 9, só igualado em talento muitos anos depois por Romário e, mais recentemente, Fred. Os jovens torcedores de 1980 o idolatram desde então. Dentre eles, este cronista.

UM DIA EM CAIO MARTINS

1995

Foi um dia diferente. Por mais que eu conhecesse bem vários estádios do Rio de Janeiro, era a primeira vez que voltava a Caio Martins desde o fim dos anos 1970 se não me engano. A responsabilidade também havia mudado de figura; antes, meu pai é que me puxava pela mão para tais ocasiões. Agora, eu era o “responsável” pelo Luizinho e pelo Gota, que iriam comigo para ver a partida entre Fluminense e America, na estreia do segundo turno do octogonal que decidiria o campeonato carioca de 1995. Eu tinha 26 anos, eles tinham perto de 17.

Depois do almoço e da bela pequena viagem, em certo momento nos deparamos com o Campo de São Bento, uma das referências de beleza de Niterói, a cem metros da entrada

do estádio de Caio Martins. Compramos nossos ingressos e entramos com toda a tranquilidade. Luizinho e Gota estavam naturalmente ansiosos: o Fluminense vinha de nove anos sem conquistas, embora tivesse batido na trave várias vezes e sido garfado em outras. A referência de conquistas deles estava na infância, com o carrasco Assis e sua turma. Um pouco mais velho, pude ver aquilo tudo de 1983 e anos vizinhos já com o olhar instigado da adolescência.

Quando entrei em Caio Martins, senti uma emoção especial. Era como se pudesse voltar num tempo já distante e ter meu pai ao lado, com seu radinho, quando íamos para todos os jogos e viver o Fluminense era só o amor ao time, ao campo, sem medir importâncias. Era estar e gostar.

Olhando para trás, é fácil cravar: nenhum de nós tinha a menor

ideia de como ia terminar aquele campeonato. Queríamos muito ver o Fluminense campeão, mas sabíamos da luta necessária não somente na tabela, mas também nos bastidores e contra as manchetes. Foi uma partida duríssima, porque o time do America batia até dizer chega, mas Djair, com sua elegância, fez um golaço e decidiu o jogo para o Fluminense.

Saímos confiantes do estádio e caminhamos em comemoração até a praia de Icarai. Lá, tomamos um ônibus para o Rio de Janeiro. Na volta, só falávamos sobre o que podia dar certo, e se tínhamos chance de ganhar aquele campeonato. E ríamos: depois de seis vitórias consecutivas, o Flu parecia ter dado liga de vez. Renato era um monstro, o time tinha uma garra impressionante, a defesa era firme, Wellerson pegava tudo e a torcida, unida de verdade, empurrava nossa moral para cima. Quarenta dias

depois, vencemos o maior Fla-Flu da história com um gol inesquecível.

Antes da bola rolar, os americanos ficaram bastante enfezados com declarações vindas das Laranjeiras sobre a habitual violência em campo do time rubro. Foi o suficiente para alimentar um jogo difícil, disputado e com a torcida tricolor ocupando cada centímetro do estádio de Caio Martins, em Niterói.

As declarações foram justificadas em campo: o America, irritado, bateu como nunca e com a anuência do árbitro Márcio Pereira do Nascimento, que sequer marcava as infrações e deixava o jogo correr – menos para os jogadores do Fluminense, invariavelmente caídos no chão depois das faltas não marcadas. Além disso, o time rubro estava recuado e fechadíssimo, o que dificultava qualquer ação ofensiva mais importante do Fluminense – panorama que se manteve pela

primeira meia hora da partida. Ainda assim, o jogo seria marcado por várias finalizações tricolores, a ponto do goleiro americano Alexandre Gomes ter sido escolhido o melhor jogador americano na partida.

Então, como um coletivo não prevalecia sobre outro, foi a vez dos craques chamarem a responsabilidade para si. Djair tabelou com Renato, driblou Carlinhos na frente da área e acertou o ângulo esquerdo de Alexandre, que ficou completamente estático no melhor estilo Fillol 1984. A massa tricolor explodiu nas arquibancadas e o time desceu para o vestiário com relativa tranquilidade (palavra que sempre deve ser utilizada com cuidado, em se tratando do Fluminense em 1995).

No segundo tempo, as coisas mudaram. Comandado pelo eterno ídolo e treinador Luizinho Lemos, emérito finalizador e dos melhores atacantes do futebol carioca nos anos

1970, o America deu de ombros para a retranca e partiu com fúria para o ataque, deixando os contragolpes para o Fluminense. Mas aí quem surgiu como uma verdadeira “Muralha do Nordeste” foi Lima, com atuação impecável nas bolas rasteiras e pelo alto, igualando-se em importância a Renato e Djair (que só faltou fazer chover) entre os melhores do Fluminense em campo. Nas investidas, Ézio e Anderson quase marcaram; o camisa 9, mesmo sem marcar, lutou demais.

Mais tarde, o problema foi físico: time tricolor sentiu o desgaste pela correria e pela rispidez da disputa contra os valentes rubros. Acabou abrindo mais espaços do que deveria para o America, mas isso não impediu a vitória pelo escore mínimo – a sexta seguida na competição e que, mesmo com a miopia da imprensa esportiva, credenciava definitivamente o time do

Fluminense a brigar pelo tão sonhado título do centenário.

O início de semana ainda seria alimentado por uma doce ilusão jornalística: rumores davam conta de que o Fluminense repatriaria o ídolo da zaga Ricardo (Gomes) para reforçar o time, com o apoio de um patrocinador. Nada além de uma ilusão – mesmo que maravilhosa.

Contudo, naquele dia em Niterói, éramos esperança e felicidade. Djair jogava demais. Luizinho e Gota eram dois jovens muito felizes num início de noite de domingo, rumo ao maior título de todos os tempos.

DENÍLSON, REI ZULU

2016

Há exatos 50 anos, completados nesta terça, a Seleção Brasileira estreava na Copa do Mundo da Inglaterra. Não essa seleçõzinha de Dunga e companhia, que agora esperamos ver consertada por Tite, mas a poderosa bicampeã do mundo que, em terra britânica, defendia o título.

Em campo, dois dos jogadores mais briosos que já vestiram a camisa do Fluminense, Altair e Denílson. O primeiro, já campeão mundial em 1962, desta vez jogando como quarto-zagueiro, enquanto o segundo, jovem, tinha sua primeira chance na maior das competições. Com gols de Pelé e Garrincha (que, juntos, atuaram 50 vezes pelo selecionado nacional e jamais perderam uma partida), o Brasil derrotou a Bulgária por 3 a 1.

Infelizmente o ambiente de 1966 era extremamente confuso, tendo em vista a situação política do país que acabou repercutindo na seleção – basta dizer que, na fase inicial de treinamentos, foram convocados 44 jogadores. E na Inglaterra, o Brasil sofreria duas derrotas por 3 a 1 para Hungria e Portugal, adiando o sonho do tri.

Denílson não se fez de rogado: prosseguiu sua carreira, defendeu o Fluminense como nunca e conquistou títulos fantásticos: já campeão carioca em 1964 pelo Flu, venceria ainda em 1969, 1971 e 1973, além do ser campeão brasileiro em 1970.

Com o apelido de Rei Zulu (criado por ninguém menos do que Nelson Rodrigues, um de seus grandes admiradores) e um metro e noventa de altura, Denílson é considerado o primeiro volante do futebol brasileiro da maneira como conhecemos hoje. Inicialmente com

mais força do que técnica, foi lapidado por homens de respeito como Tim e Telê, até se tornar um grande jogador. Defendeu o Fluminense em 433 jogos, sendo o sétimo jogador que mais vezes vestiu a camisa do clube.

Neste momento, economizo minhas palavras e passo a bola para um dos maiores craques da história do jornalismo brasileiro, o tricolor Teixeira Heizer, em matéria para a revista Placar em outubro de 1970. Ninguém melhor do que ele para contar a respeito de Denílson, um atleta exemplar.

Em tempos onde o Fluminense passa por várias situações confusas dentro e fora das quatro linhas, me parece fundamental nestes dias recordar de um passado onde fomos grandiosos, unidos e campeões.

Recordar que uma história secular como a do nosso Flu permite muitos e muitos mergulhos de vital

importância na trajetória do futebol brasileiro, sem edições.

Num momento delicado como o atual, resgatar e celebrar nomes como o de Denílson é viver o Fluminense e impulsioná-lo a novos rumos, conquistas, derrubadas de velhos paradigmas. Faltou falar de Altair, mas esse merece uma coluna só para si. É outro dos nossos infindáveis escudos de carne, osso e dedicação.

O Fluminense precisa valorizá-los.

O AMBULANTE TRICOLOR

2016

Ontem, por volta das sete da noite, eu conversava com o Fagner Torres na praça São Salvador quando começamos a conversar com um ambulante. Ele vendia suas bebidas num carrinho e, para nosso orgulho, usava camisa e gorro do Fluminense. Um tricolor de luta e trabalho num país marcado pela desigualdade.

O trabalhador nos contou que foi funcionário da limpeza do clube por anos a fio, no passado, coisa de dez ou quinze anos talvez. Um dia pediu demissão, por motivo insólito: seu superior imediato o proibia de ir à sede em dias de folga. Tricolor apaixonado que era e é, sem se vangloriar de capacetadas e tuitagem, tendo como sua única força a vassoura com o pano de chão,

preferiu ir embora a ser repellido de estar no clube.

Com sua camisa tricolor surrada, algo em torno de 2003 ou 2004, contava-nos de sua esperança numa vitória logo mais, apertada, 1 a 0, gol de Gum, esse mesmo de tantas lutas e que foi personagem da mais estranha pichação dos muros tricolores em todos os tempos, já falada aqui hoje pelo Fleury e tantos outros próceres tricolores.

Em tempos onde o clube vive sua eterna luta política fratricida, prevalecendo os ataques pessoais e as manchetes encomendadas em vez da troca de ideias e do entendimento, sempre atrapalhando o campo, nosso ambulante de ontem foi uma lição: Fluminense de cima abaixo, na pobreza e na labuta, com humildade, feliz pelo seu próprio sentimento. Um Fluminense da falecida geral, das cadeiras azuis a cinco reais, dos jogos de pouca gente onde até se ouvia o

grande Victorio Gutemberg narrar com clareza as substituições – “Sudeeeeeerj informa”.

Um Fluminense que precisa ser resgatado e cultivado. Nenhuma das maiores equipes do mundo atual consegue viver apenas em função de seus torcedores das classes mais abastadas. O mundo corporativo não abre mão da clientela de renda mais modesta. Se queremos ser modernos, e é um fato, nada mais natural do que reencontrar o passado onde o Flu era um patrimônio afetivo de todos. Como isso pode ser feito é palavra dos próceres do ramo. Taí o *football* alemão que não nos deixa mentir.

Minutos depois, conversávamos ainda perto do nosso ambulante torcedor quando um velhinho tropeçou e caiu de peito na calçada de pedra. Por sorte, foi só um susto – apenas arranhou uma das lentes do par de óculos. Fagner o levantou e juntos o levamos até a porta de seu

prédio, cinquenta metros adiante, no imponente e veterano edifício Presidente Vargas. Basta ter uma atmosfera de Fluminense e a gente já toma um susto inesperado.

Quando fui embora, nosso herói tricolor estava firme nas vendas. Em pleno aniversário de 21 anos do gol de barriga, nenhuma imagem podia ser mais significativa do que a dele: o proletário, o brigador, o que defende cada dia com raça e dignidade. Um Fluminense de verdade.

RUBENS GALAXE, O ESPÍRITO DO FLUMINENSE

2016

Quando os tempos voam longe, é natural que os adultos comecem a fazer longas travessias em busca dos tesouros da juventude. A mocidade, a infância. Sonho geral, revisão geral.

Para alguns poucos, geralmente pernósticos ou rasos, parece apenas saudosismo, argumento que não se sustenta depois de uma reflexão mais apurada. Olhamos para o presente e só então o que já passou pode ser visto com maior clareza.

Tenho pensado muito num dos meus heróis da infância: Rubens Galaxe.

Pentacampeão carioca, quando tal título era o mais importante do futebol brasileiro. Atravessou os anos

1970 como titular do Fluminense, onde merecia ter encerrado a carreira.

Sexto jogador que mais vestiu a camisa do clube, jogou da lateral direita à ponta esquerda. Só não foi escalado como goleiro e centroavante. Nunca reclamava, só dava entrevistas elegantes, lutava o tempo inteiro e não usava da violência. Respeito ao Flu, sua torcida e seus dirigentes, que faziam jus ao atributo.

Quando se pensa em uma das mais vitoriosas décadas da história do Fluminense, lá está o Rubens em todos os elencos. Foram vários, um a cada ano. O meu preferido foi 1980: o time da mocidade independente, a garotada dos juvenis, o reforço do craque desacreditado Cláudio Adão – a imprensa já era bem ignorante naquele tempo. O jovem Gilberto com a camisa oito. A Rubens, coube o toque de serenidade e experiência ao time campeão, ao lado de Edinho – por favor, não confundam o

comentarista com um dos maiores craques tricolores de todos os tempos!

Rubens Galaxe era grupo, humildade e dedicação. A cara do Fluminense. Um escudo de carne, osso e amor. Anulou e ajudou a anular em campo alguns dos melhores jogadores de seu tempo. E teve a chance de jogar ao lado de muitos deles na revolucionária Máquina do Doutor Horta.

Depois que parou de jogar, trabalhou no clube, mas nunca recebeu dos dirigentes o prestígio que merecia – fato corriqueiro até hoje no futebol...

Penso naquelas partidas com cem mil pessoas num Maracanã que não existe mais. O estádio de gente solidária e amiga, diferente da quase ditadura atual: aplaudia-se e vaiava-se quem se quisesse e ai do fanfarrão que se metesse a latifundiário do pedaço. Times com seis ou sete

craques – mesmo – em vez da esqualidez solitária. O Fluminense era mais humano, mais gente, sem almofadinhas boquirrotos e cavaleiros das ciências curtas e apagadas. Alguns são dignos de pena, risos também.

O Flu, amado Flu, era Rubens Galaxe demais porque um dia foi Denílson. E Castilho, Waldo, Telê, Pinheiro. Antes, foi Batatais, Rodrigues, Pedro Amorim. Lá atrás, foi Welfare e Barthô. O curso natural das coisas exige a longa estrada da História. Não se pode esquecer do Marcão, nem do Conca em 2010.

Na quarta-feira passada, a torcida tricolor ficou muito feliz. Apenas uns poucos porque já deliram com a patologia da Libertadores, outros porque Ronaldinho era o único grande vilão, outros mais porque descobriram que, com vontade, este time deveria estar em posição muito melhor no Brasileiro, mas cumpriu

uma grande noite pela Copa do Brasil, rara neste 2015.

O meu barato foi outro: saber que, depois de tantos anos, ainda era possível ver o Fluminense em campo como nos tempos de Rubens Galaxe, pelo menos uma vez ou outra, conforme o sabor dos interesses. Jogos como esse contra o Grêmio eram fichinha naqueles anos 1970. Não dava para imaginar um time sem pegada, gás e vontade com o coringa Rubens em campo. Jamé!

Nem falei do Cláudio Adão: se tivesse jogado cinco anos na Era Unimed, Waldo teria ficado preocupado com seu recorde imbatível. Adão era um monstro. Mas isso só faz sentido para quem tem mais de quarenta anos, ou que tenha compreendido o que é o espírito do Fluminense – uns livrinhos caem bem para os incautos. Vida que segue.

DÁ-LHE, MÁRIO!

2014

Um nome: Mário Marques Coelho.

Quem tem mais de quarenta anos de idade vai relacionar muito bem o nome do aniversariante ao Fluminense.

Formado nas categorias de base do clube, coube a ele nada menos a camisa 10 de um time que não durou muito tempo, mas é importantíssimo para a história das Laranjeiras: o grande campeão de 1980.

À época, o Flu vivia uma aridez financeira: a Máquina Tricolor havia sido desfeita em 1977, os jogadores mais caros começaram a ser negociados, tentava-se acertar o time com a mescla de talentos dos juniores e outros de times modestos. Depois de três anos claudicantes e de uma terrível Taça Guanabara em 1980, o

Fluminense montou um time que nunca mais se viu em termos do mesmo critério: dos onze titulares, apenas dois vinham de fora – o meia-direita Gilberto, contratado ao Atlético Goianiense, e o craque artilheiro Cláudio Adão, dispensado da Gávea por uma ninharia. Os outros nove eram ex-juniores. De “veteranos”, apenas Edinho e Rubens Galaxe, egressos da inesquecível Máquina.

Paulo Goulart, Edevaldo, Tadeu, Edinho e Rubens Galaxe; Delei, Gilberto e Mário; Robertinho, Cláudio Adão e Zezé. Com essa escalação emblemática, o Fluminense ganhou o primeiro turno em cima do Vasco – e, mais tarde, na grande final do campeonato carioca, com o gol de falta de Edinho, desbancando o eterno favoritismo midiático rubro-preto.

Jogador de grande velocidade, habilidade pela esquerda e chute forte, Mário foi peça fundamental no jovem time campeão. Vestiu a camisa

do Fluminense em 199 oportunidades, 182 delas como titular. Venceu 100 jogos e empatou 61. Marcou 26 gols, um deles na última partida em que defendeu o clube, numa derrota por 2 a 1 para o Grêmio no Maracanã – por pouco o Tricolor não chegou às semifinais da competição.

Os campeões de 1980 foram a primeira grande afirmação depois da Era Máquina. Logo o time seria desfeito nos anos seguintes por conta de questões financeiras, mas seu sucessor não deixaria por menos: o timaço tricampeão carioca e campeão brasileiro entre 1983 e 1985.

MOACY CIRNE, GÊNIO TRICOLOR

2015

Ele foi um grande poeta, teórico da poesia, artista visual e professor do Departamento de Comunicação Social da UFF, sendo considerado o maior estudioso brasileiro de histórias em quadrinhos, tendo escrito vários livros sobre o assunto.

Na poesia, um dos fundadores do poema/processo, expressão de vanguarda nos anos 1960.

Editor de uma revista cultural, escreveu na Tribuna da Imprensa e no Jornal do Brasil.

Na UFF, lecionava disciplinas sobre Histórias em Quadrinhos e Ficção Científica. Famoso no Instituto de Artes e Comunicação Social, editava e distribuía um fanzine de uma única página, gratuito e

independente, chamado Balaio Porreta.

De 2007 a 2014, o fanzine, que unia textos provocativos, listagens de filmes, pensamentos e poesias, se transferiu para a internet sob a forma de um blog, o Balaio Vermelho.

Em sua versão impressa de outrora, o Balaio foi um dos principais meios de divulgação no Rio de Janeiro das poesias eróticas do polêmico Chico Doido de Caicó, durante muito tempo considerado um personagem fictício e alter ego do próprio autor do fanzine.

O genial Moacy Cirne. Até aqui, uma potência intelectual.

Gran finale: um tricolorzaço de mão cheia, mais uma estrela da nossa constelação de talentos intelectuais e artísticos.

Em 2013, o talento de Cirne brindou as nossas cores como nunca:

lançou o livro “Maraca Maracanã que te quero Fluminense”.

Para descrever a obra, nada melhor do que as próprias palavras do escritor:

“Uma paixão é uma paixão é uma paixão. O Fluminense é o Fluminense é o Fluminense. Este livro é a história de uma paixão: uma paixão nas cores grená, verde e branco. A história de uma paixão iniciada em 1954 no sertão seridoense de Caicó.

Este livro é uma homenagem, ora delirante, ora libertinária, mas sempre afetiva, a um clube de futebol marcado por glórias e conquistas inesquecíveis. É também uma homenagem a todos os tricolores: tricolores do céu, da terra, Rio, Natal e Júpiter.

Este livro é o Fluminense campeão brasileiro de 1970, 1984,

2010 e 2012. É o campeão da Copa Brasil de 2007. É o campeão do Rio-São Paulo de 1957 e 1960. É o campeão de 32 Cariocas. É o clube iluminado por Nelson Rodrigues e o goleiro Castilho.

Por um Nelson Rodrigues que dizia: “O Fla-Flu começou quarenta minutos antes do nada. E aí então as multidões despertaram”. Ou que escrevia: “O torcedor que foge dos campos não foge da derrota e sim da vitória que faz o sangue subir à cabeça”.

Este livro, enfim, sem maiores pretensões literárias ou históricas sou eu, um certo Moacyr Cirne, expoeta e cangaceiro tricolor da anticultura: cabeça, corpo e coração. Aqui e agora, sempre tricolor. Aqui e agora, ontem e hoje, ontem e amanhã, sempre Fluminense.

Com seus delírios literários, com seus arrebatamentos verbais. Com seu amor, eterno amor, a partir da magia embriagadora do Maraca Maracanã. Repetir é preciso, sonhar é necessário, ousar é possível: aqui e agora, sempre e sempre Fluminense. Sempre.”

Em janeiro de 2014, Moacyr Cirne faleceu no Rio Grande do Norte, sua terra natal. Deixou um legado intelectual fantástico.

Há muitos anos, em torno de 1997, eu era frequentador diário da Livraria Berinjela, uma das referências culturais do Rio, sala de estar de acadêmicos e intelectuais. Volta e meia, lá vinha o Cirne distribuir o Balaio, sempre muito solícito, uma espécie de estafeta da informação, roupa branca simples, mensageiro da paz. Ele não tinha a menor ideia, mas o seu fanzine foi uma das minhas inspirações para ter coragem de publicar meus primeiros escritos, que não tratavam de futebol.

Espiava ele e outros gênios do ambiente, escutava, aprendia. Treze anos depois daquelas noites na livraria, publiquei o meu primeiro livro.

Nunca falei com Cirne sobre futebol. Eu tinha vergonha de tocar num assunto popular com um intelectual de sua estirpe, que bobagem a minha! Uma pena. Mas aproveito esse modesto espaço para recordá-lo. E dizer que os tricolores merecem redescobri-lo. Trata-se de uma jazida de ouro das nossas três cores. Um dos mais brilhantes intelectuais brasileiros apaixonou-se pelo Fluminense ainda menino no sertão e nunca mais se desgrudou.

Do clube, nada a esperar. É duro imaginar que Cirne faleceu poucos meses depois daquela que foi a primeira – e até aqui, única – participação do Fluminense na Bienal do Livro. Mas a nossa torcida precisa conhecer, aprender e reaprender

sobre o legado mágico do poeta, escritor e professor. Se quiser começar pelo Tricolor, já tem um livro “não oficial” de mão cheia facilmente comprável via internet.

Ah, esse Fluzão que não se cansa de colecionar talentos, daqueles em que tropeçamos a cada degrau da arquibancada. Ave Cirne!

O QUE VOCÊ SABE DO FLA-FLU?

2013

O que a gente sabe do Fla-Flu?

Grandes gols, decisões históricas, craques, artilheiros, multidões à flor da pele?

Cartolas, cartolagens, abnegação, drama, fúria, traição, medo, alegria?

O maior jogo do mundo, a maior decisão de sempre, a batalha que nunca termina? Bastidores, confidências, insubordinação, casacas viradas? Torcidas organizadas, *new kids on the block*? Experiências? Decepções.

Nenhum Fla-Flu é somente ele mesmo, mas vários ao mesmo tempo. Muitos. A maioria, invisíveis.

Os garotos pobres catando latinhas nos arredores do Maracanã,

solitários enquanto a turba vibra com os atos teatrais no gramado.

Porteiros de toda a cidade colados nos radinhos de pilha, ainda tão eficientes. Motoristas de ônibus e táxis também. Gente a trabalhar sonhando com os malabarismos da bola. Vendedores de shopping, residentes do Miguel Couto, garçons do Leme. Policiais de plantão numa viatura do Centro à espreita de esfaqueadores. Gente de Cordovil, Paciência, Honório, Anchieta.

Nem todos bons, nem todos maus. O adversário não é inimigo e, muitas vezes, é mais sincero do que o amigo da onça com seus malditos tapinhas nas costas.

Corações desesperados em frente à TV de casa ou de um botequim. Belém, Brasília, Vitória, Curitiba. Friburgo. Campos.

Dos 25 mil em Laranjeiras nos anos 1930, Estado Novo, até esse de logo mais, 2013, muita libra já pesou. Aliás, desde bem antes, em sincera homenagem ao Barthô 1912.

Bola na Lagoa, empate consagrador, Flávio, Assis, Renato. Zico, mas nos momentos de folga apenas. E pensar no golaço do Cristóvão em 1979. Edinho de cabeça em 1981. Roni 2009 eliminando o rival pela primeira vez do clássico em disputa internacional.

Duro mesmo é não ter geral. Ruim.

É fácil falar das grandes vitórias. Mas o melhor está nas entrelinhas. Em 1982 eles fizeram gato e sapato na Taça Guanabara, 3 a 0 no primeiro tempo. Rolo compressor. O troco veio no retorno, uma partida de pouco público, já sem grande valia. Acréscimos do árbitro, o craque Andrade escorregou, o

esforçado Amauri ganhou a bola, arrancou e fez 1 a 0. Quem também esteve em Assis 1983 pode ter pensado que era coisa de Deus: um raio caindo duas vezes no mesmo lugar.

Rodriguinho, Dirceu, o garoto Alexandre, Nildo, Cacau e muitos outros tiveram tardes e noites de heróis. Eles também: Edmar, Nélio, Jacozinho.

O que você sabe do Fla-Flu?

Dois mendigos com uma pequena bandeira rubro-negra aberta no corredor debaixo do viaduto da Avenida Chile, rezando a Deus por um prato de comida.

A bela tricolor de formas generosas e calça provocante caminhando numa rua movimentada do Grajaú.

Garotos com uma bola dente de leite no gramado do Aterro, duas

árvores são as traves, contando as moedas para os picolés sem marca, sonhando com o jogão de logo mais recheado de craques, mesmo que eles sejam mais incisivos nas manchetes de jornais do que na vida real.

Quem matava os torcedores na geral a tiros no fim dos anos 1970? Diziam que era roubo. Ou a velha ditadura estava de prontidão.

Um garotinho da quarta série aproveitando a aula de geografia da professora Leda Crema, mapa mundi, para pintar a lápis num papelzinho o escudo das Laranjeiras.

Acima de tudo, o Fla-Flu é um sentimento. A garantia de que os noticiários de amanhã não vão se resumir a mortes, roubos e sujeiras. As camisas que se digladiam para sempre, pelo oxigênio que lhes garante a vida, siameses enrustidos.

Queria que hoje fosse 1979 e meu pai me puxasse pela mão até a estreita roleta que, uma vez ultrapassada, levava ao campo dos sonhos. Uma pena que seja impossível, mas a grande verdade é que o futuro reside na memória.

AFONSINHO E O FLUMINENSE

Ele jogou apenas três meses no Fluminense, os últimos de sua carreira começada em 1962 no XV de Novembro de Jaú, interior paulista. Estava às vésperas de completar 34 anos, em forma e o com o talento que o consagrou.

Quem disse que a eternidade se mede pelo número de meses?

Ao chegar às Laranjeiras, Afonsinho já era uma lenda do futebol brasileiro. Craque de bola, jogava de volante (ou meia também), camisa 6 ou 8, a posição que hoje passou a ser do “homem de contenção” (ou de porrada). Ele, não: era homem de criação artística. Barbudo, cabeludo, fala mansa na rebeldia das atitudes, não da aparência física.

O pioneiro do passe livre no Brasil, lutando (literalmente) contra a ditadura do futebol que, dentre outras coisas, simplesmente deixava encostado o jogador que não quisesse renovar contrato, pelo tempo que fosse necessário.

Difícil entender que não tenha passado pela Seleção Brasileira, exceto ao se saber que ele era uma figura, digamos, “desagradável ao sistema” (nos anos de chumbo, aquilo se chamava de sistema...).

Afonsinho jogou 13 partidas do clube pelo campeonato carioca. Estreou em Petrópolis contra o Serrano, vitória por 2 a 1. Era um time em crise, na transição entre o grande campeão de 1980 e a futura diáspora da equipe, que voltaria com toda força aos caminhos dos títulos em 1983.

Pensar em crise e reler a escalação do time chega a causar

espanto. Quase todos campeões pelo clube, vários com passagem pela Seleção. Mas o cenário era de dificuldade. O Flu estava quebrado financeiramente com altos salários sem maiores resultados esportivos.

Afonsinho, Deley e Gilberto. Afonsinho, Deley e Mário. Quem os viu jogar sabe da alta qualidade técnica destes trios. Cristóvão era banco.

Numa vitória contra o America por 3 a 2 em 19 de setembro de 1981, fizemos os gols antes dos 20 minutos do primeiro tempo. E o pessoal que não sabe direito do Edinho...

Dias antes da partida derradeira de Afonsinho, contra o Vasco, a preocupação de João Saldanha em sua crônica no Jornal do Brasil era a máfia da Loteria Esportiva, desbaratada a posteriori. Juca Kfourri a denunciou com maestria, mas era 1981 e não 2013.

Em campo, Afonsinho mostrava a mesma categoria e arrumava o meio campo do Flu. Deley, nosso jovem craque já feito e campeão de 1980, talvez tenha aprendido muita coisa com ele naqueles três meses – dois anos depois, era o nosso maestro condutor nos gramados em conquistas imortais. Ambos, aliás, tinham estilos de jogo bastante parecidos.

O clássico da despedida terminou em 2 a 2. E o Fluminense, por três meses de um ano sem títulos e muita confusão nos bastidores, teve um grande craque a defendê-lo, dos maiores de nosso futebol. Não lhe bastou o talento com a bola nos pés: era preciso ter caráter.

Depois Afonsinho seguiu sua vida como médico, clinicou 30 anos no Hospital Philippe Pinel, aposentou-se e passou a atender em Paquetá.

Muito antes de tudo isso, com elegância e calma, desafiou cartolas, gerais, treinadores. Montou o time do Trem da Alegria, que abrigava jogadores sem clube ou já veteranos, tal como ele foi algumas vezes. Jogou ao lado de Garrincha e Pelé. Sua vida cabe em grandes livros e documentários, como “Barba, cabelo e bigode”.

Definitivamente, tudo bem diferente do mundo “moderno”, de jogadores que fazem corpo mole proposital e lesivo aos interesses dos clubes; treinadores que lucram com negociações dos direitos federativos de atletas; empresários de sucesso que surgem do nada para mandar e desmandar nas contratações e escalafões.

Ao contrário do que muitos pensavam, aquele Fluminense de 1981 não era um derrotado. Não era uma vergonha. Vencer não se resume a conquistas. O futebol, a dignidade e

a vida são bem mais do que isso.
Basta reler a escalação daquele time.

Amigos, vergonha é outra coisa.
Outras, aliás.

OBRIGADO, BERNA

2013

Eu estava lá quando você entrou naquele barco furado de 2006 e ajudou muito a levá-lo até o cais, contra todas as intempéries do mar da imprensa. E você fechou o gol nas partidas finais. Nunca é demais lembrar: por causa das partidas daquele limiar de campeonato brasileiro é que eu passei a escrever crônicas regulares de futebol do Fluminense.

Testemunhei quando você foi para o banco sem reclamar em 2007 – e outras vezes depois. Não deveria ter ido, estava melhor, mas foi. Fernando Henrique voltou, fez boa Copa do Brasil, teve seus tropeços tradicionais, você aceitou tudo calado. Entrou quando foi preciso e mostrou a competência e a frieza habituais.

Um belo dia, quiseram te crucificar por causa de uma goleada do Goiás. Verdadeiro festival de fuzilamento na pequena área. Uma bobagem. Outra vez, cabeça erguida, você respirou e continuou honrando a nossa camisa.

Nada como um dia após o outro. Quem espera sempre alcança. Chegou 2010, éramos candidatos ao título, nosso gol estava a perigo. Você entrou e não perdemos mais: fomos campeões depois de 26 anos. Assim escrevi em minha crônica “Uma noite de Paulo Victor”, meu primeiro livro, “Do inferno ao céu – a história de um time de guerreiros”, 2009, página 116:

“Não somos pascácios: sabemos que um grande triunfo estava realizado no sul. Um ponto miraculoso, que veio do esforço de todo o time, a garra de Diguinho salvando um gol certo. Mesmo os que entraram, Rodriguinho e Valencia (Belletti só entrou a um minuto do fim) fizeram parte desta

entrega d'alma à camisa das Laranjeiras. A derrota do Cruzeiro ajudou, sem dúvida, mas se o Fluminense ontem se manteve – **MERECIDAMENTE** – líder do campeonato brasileiro, deve tudo a um único nome (sem detrimento dos demais): Ricardo Berna. Pouco afeito a voos acrobáticos e pernósticos, sempre bem posicionado, sóbrio, alternado reposições de bola rápidas e mais lentas conforme a necessidade, dotado de personalidade nas saídas de gol e até mesmo fazendo algo raro em suas passagens anteriores como titular: vibrando nos lances. Berna fez uma partida perfeita. Recuou o braço ao ver Diguinho atrás de si na cabeçada de Alecsandro logo no começo da partida. Estava firma no lance quando a bola bateu na trave esquerda, ao fim do primeiro tempo. Espalmou chutes fortes de Sóbis e Giuliano. Socou com eficiência os cruzamentos na área que enfrentou. Defendeu de primeira outros chutes que muitos goleiros insistem em

rebater – alguns, pior ainda, com o pé. Fechou o gol na primeira etapa e foi apenas excelente no segundo tempo: basta lembrar a defesa perfeita na cobrança de falta de Andrezinho, praticamente um pênalti, fechando a partida. O jogo poderia durar mais cinco ou onze horas: estava claro para todos que Berna não iria sofrer gols ontem à noite. Agarrou tudo; o que não pegou simplesmente não foi chutado. O time está de parabéns pela raça, mas é fato que todo time precisa começar por um grande goleiro – e foi o que aconteceu ontem. Quero lembrar que não é a primeira vez que isso acontece. Quando o Fluminense bateu à porta do descenso em 2006, viram que era impossível se salvar com um beque-equipe sem usar as mãos para fazer defesas. Berna entrou num navio à deriva e ajudou a salvá-lo: o Fluminense não caiu. Em 2007, fazia uma jornada regular quando foi barrado por decreto. Manteve sua postura, continuou treinando, teve uma

nova chance ano passado, mais uma vez entrando como titular num time em frangalhos. Sofremos duas goleadas merecidas para Santos e Goiás, ele pagou novamente o pato. Agora, devido ao mau momento de Rafael – que foi muito importante na brilhante arrancada do ano passado – voltou ao gol do Fluminense. Pela primeira vez desde que chegou às Laranjeiras, é titular num time de grande qualidade. Percebam que, desde que foi efetivado, o time não perdeu mais.”

Foi pouco: você fez a melhor partida de um goleiro do Fluminense desde que São Paulo Victor nos deixou há 25 anos. Jogo contra o Inter no Beira-Rio, 0 a 0 e pelo menos dez grandes defesas. Depois, lembro do teu justo desabafo em Barueri quando fomos te cumprimentar na saída depois dos 4 a 1 contra o São Paulo: muitos ainda não tinham dado o valor que você sempre mereceu.

Depois Cavalieri veio ser o titular e se tornou o melhor goleiro do país. Nos momentos necessários, você sempre atendeu aos chamados com dignidade: lá estava quando demos o primeiro passo rumo ao tetra brasileiro, 1 a 0 em cima do Corinthians no Pacaembu. E quando Cavalieri defendeu o pênalti no Fla-Flu dos cem anos, você foi o primeiro a vibrar. Solidariedade de amigo, espírito de equipe, um torcedor do Fluminense realizando seu desejo de criança e nos defendendo em campo.

No futebol de hoje, com idas e vindas e amores que passam em seis meses, você empenhou amor de atleta à nossa camisa por quase uma década, um novo Marcão nos tempos modernos – e ajudou a fazer de um time que era regulamente rebaixado nas manchetes um respeitado conjunto em toda a América.

Por mim, você encerraria a carreira conosco, seria dirigente,

treinador, qualquer coisa. Mas entendo: o fim pode estar chegando, você ama o futebol e quer jogar, isso é tão importante que pode significar abrir mão do teu amor, do time do teu coração. E respeito.

Mas que estou triste, estou.

Tenha aqui sempre um amigo, um admirador, um correto irmão, alguém que torceu por você não apenas nos títulos – onde todos torcem –, mas também em partidas “menores” como estas recentes de Macaé e outras, como em Bangu. Você acertou muito, errou pouco, foi digno sempre. Um gigante. Haja o que houver.

O que tiver de ser, será.

Obrigado por tudo, Ricardo Berna.

QUANDO CAJU FOI SONNY ROLLINS

2010/2015

Tudo passa tão rápido que lá se vão trocentos anos num estalar de dedos. Outro dia, conversando com Gonzalez e Couceiro, ficamos horas e horas lembrando de coisas de trinta e cinco anos atrás. Caldeira falava dos sambas de arquibancada, entoados pela torcida inteira, uníssona. E Rogerio Skylab teve a chance de ver Castilho em ação. Acabou de sair um livro sobre Rivellino; lá estão nossas histórias que remetem a quarenta primaveras antes.

Há pouco recordei de Paulo César Caju, um dos maiores jogadores da história do futebol. Quando atuou pelo Fluminense, eu ainda era tão pequenino que me jogavam para cima a cada gol nosso. Cheguei a vê-lo melhor em outros grandes times brasileiros. Um monstro. Craque de

doer. Se jogasse hoje, só poderia estar um dos três times: Barcelona, Real Madrid ou Paris Saint-Germain. Com a camisa 10, lógico.

Pois bem: um domingo de ouro há quase cinco anos. O Fluminense precisava vencer o Guarani para voltar a ser campeão brasileiro depois de 26 anos. Engenhão (agora Niltão) lotado; como se sabe, na hora da decisão a Revista do Rádio é jogada para cima e todo mundo aparece.

Aconteceu que o Leo Prazeres precisava entregar ingressos para um amigo e não entramos no estádio imediatamente. Uma hora de espera. Turbilhões de gentes para todo lado – e a quebra de um recorde mundial: nunca se viu tantos torcedores desconhecendo os pontos cardeais por completo – ninguém sabia de Norte, Sul, Leste e Oeste.

A cinco minutos do início da partida, lá vinha o Leo esbaforido,

debaixo de um calor desértico. Chegava a hora de entrar e navegar pelo mar da emoção. Num súbito, espiei o outro lado. Perto de um poste, em frente ao acesso, um senhor negro, barbas brancas, boné e óculos escuros, parado com toda a calma do mundo. Um jeitão de popstar blasé. Talvez um dublê involuntário de Sonny Rollins, o imortal saxofonista do jazz. Ou Ritchie Havens, o trovador dos anos 1960, falecido há pouco, como se estivesse prestes a arrebentar cantando “Freedom” em Woodstock. Sozinho, mas como se estivesse a esperar alguém que não viria. Epa!

Olhada mais atenta, mais atenta, ali estava justamente o Caju. Campeão do mundo em 1970. Um dos maiores craques da história dessa sofrida Pindorama. Um gênio.

Pensei em falar alguma coisa, agradecê-lo pelo talento que emprestou ao nosso Fluzão, ao Brasil, mas nada caberia em um minuto. Era

uma decisão, momento de coisa séria. Leo chegou, avisei-o da presença do astro, ele vibrou e nos dirigimos à roleta de acesso.

Olhamos para trás e pensei: aquele homem foi um dos maiores jogadores de futebol do mundo e ali estava num misto de silêncio, serenidade e anonimato. Os torcedores retardatários passaram a correr desesperadamente, sedentos para o jogo final. Ninguém pedia autógrafo, fotos, nada. O grande *enfant terrible* virou um respeitável senhor discreto, que no passado foi mesmo um Rollins, um Havens dos gramados.

Cheguei a pensar em pedir uma foto, mas Caju parecia tão calmo e feliz que resolvi não incomodar. É preciso entender que uma das formas de reverenciar o gênio está no silêncio de discrição. Idolatrar um astro não precisa exigir do fã a condição de papagaio de pirata. E os

deslumbrados que usam um segundo de boa fé para autopromoção?

Caju foi craque, polemista, irreverente, maluco, gênio, gênio difícil, cronista dos bons, frasista, tudo. Um conde. Na porta do antigo Engenhão, era apenas mais um torcedor à espera da tarde do tri, mesmo com seu coração completamente alvinegro. Todos passaram correndo em busca do título que logo viria. Eu era um passarinho. Nós dois nos encontramos numa crônica de Rubem Braga, daquelas inúmeras que melhor traduziram os bons sentimentos, a liberdade e a admiração de um garoto de muito tempo atrás diante de uma fera do Saldanha, do Zagallo e de um tempo em que o Brasil teve o melhor futebol do mundo.

Quando Emerson fez o gol e o Engenhão veio abaixo com a vitória sobre o time bugrino, então entendi o que era o presságio da entrada. Ao

término da partida, ainda pudemos entrevistar a Letícia Spiller, linda, gravidíssima em plena arquibancada já esvaziada. Vários jovens leões tricolores perceberam a presença e voltaram: queriam autógrafos. A atriz atendeu a todos com simpatia e simplicidade. Depois, o Rio de Janeiro foi tomado por uma tempestade monumental.

Carregando o poema de Cacaso em meu peito, então senti que o resumo é de cada um.

MEUS AMIGOS DO FLUMINENSE QUE RUGE

2017

Viver é celebrar amizades, e nestes anos em que tenho atuado como escritor de livros sobre o Fluminense, conheci muita gente boa. Sim, também conheci sujeitos detestáveis, rancorosos, invejosos e de uma arrogância muito além dos talentos que ingenuamente acreditam ter, mas é coisa de uma minoria que beira ao minúsculo, que nada tem a ver com a essência da camaradagem tricolor. E como este livro é também uma celebração da amizade, escolhi o final para falar de dois personagens que são muito importantes para mim quando o assunto é o nosso e vosso Fluminense.

Eu tenho dois amigos do baralho, do barulho, que conheci através do Fluminense, e são tão amigos que eu já era amigo deles

antes que me conhecessem. Eles nunca entraram em campo para jogar, mas já marcaram diversos gols no Maracanã e em outros estádios pela vida afora, atuando nas arquibancadas e em todas as suas ramificações.

Um deles vem de muitos, muitos anos atrás, quando eu aprendi a perseguir o Fluminense para sempre em fins dos anos 1970, guiado por meu pai e depois feito pássaro novo, avoando sozinho. A gente nunca se falava, mas eu o vi no estádio, comandando festas, falando na TV, defendendo o nosso time por tudo quanto era lugar, a ponto de topar uma verdadeira loucura quando éramos terra arrasada nos anos 1990. Ele e sua turma de garotos, que com o tempo fui conhecendo quase todos, até que um dia trocamos cartas e um abraço no Maracanã que valeu por mais de 30 anos, desde a época que toda a torcida exalava paixão pelo

clube, cobrava – e muito, com toda razão – dos dirigentes, mas priorizava o Fluminense. Naquele tempo, ele parecia um irmão mais velho que eu olhava de longe. Hoje, eu o vejo, o abraço, mas não consigo parar de pensar no meu pai – de alguma forma, eles são parecidos paca, a começar pela valentia.

Do outro eu fiquei sabendo no Maracanã que eu vivi do degrau mais alto da arquibancada, olhando para baixo e vendo um mar branco de intensidade que nos guiou a muitas, muitas vitórias. Eu o via de longe, respeitava, admirava, até que um dia minha querida e inesquecível amiga Fernanda, que agora é um beijo no céu, me disse “Eu tenho que juntar vocês na mesa, vocês são incríveis, isso vai ter que acontecer”. E deu certo para sempre.

Acho incrível como estes meus dois amigos são diferentes e, ao mesmo tempo, tão siameses. Dois

sujeitos que deveriam ser pagos para palestrar em todas as mesas de alto nível e todos os salões da *società* quando o caso é Fluminense, mas não somente isso: a vida, o caráter, o amor, o cotidiano, a antropologia, as relações humanas e muito mais. Deles, já recebi inúmeras lições e, sem pestanejar, inspirações para escrever sobre o nosso time e a vida em geral.

É, rapaz, sentados à mesa são dois lordes ingleses, dois próceres, mas é bom que se diga: já os vi botando pra correr dezenas de incautos que tentaram atravessar o caminho da nossa torcida – os que não correram acabam se contundindo – e só os covardes de teclado ousam desafiá-los com a proteção da tela, porque ao vivo...

Meus dois amigos são tricolores em todas as camadas epiteliais, passando pelos braços nodosos, pelos músculos, atravessando as vísceras e até o amor deitar-se em berço

esplêndido esparramado dentro dos seus corações de manteiga para os amigos e de ferro para os desonrados. Um branco, um preto, um sangue ibérico, um sangue africano, uma camisa verde, uma camisa branca, dois cariocas, dois camaradas. Um pouca coisa mais velho do que eu, o outro uma década mais novo. Quando os vejo e os abraço, eu me sinto mais Fluminense, mais paixão, mais vontade de lutar contra injustiças e aproveitadores, e então mergulho no meu doce universo da infância tricolor.

Meus dois amigos vivem a vida num ringue, mas sabem diferenciar os adversários dos inimigos, bem como os amigos dos bajuladores. Eles falam manso, baixos, mas as atitudes são altas, brother – ninguém me contou: eu vi no Fluminense que eu vivi e ainda persigo mesmo num Maracanã devastado. E no ringue eles treinam, riem e colocam para fora os punhos

de aços. Muitos dos que veem neles apenas luta não sabem o quanto de amor e fé ali está em cada batalha.

Meus amigos são fáceis e afáveis, estão sempre alertas no batsinal contra os males de Gotham City, mas nunca soube que tenham enquadrado qualquer pessoa de bom caráter, ok? Cada um de um jeito, de um caminho, de uma trilha, mas os dois seguindo pela mesma estrada, aquela que vai até o pôr do sol no horizonte, onde as três cores são nome – e justamente aí os vejo tão parecidos em várias coisas. Dois tesouros da arquibancada que o Fluminense e os Fluminenses, todos os Fluminense precisam aprender e respeitar em todos os lugares. Tenho orgulho em pertencer à mesma arquibancada que eles.

Meus amigos estão em todos os lugares dos estádios onde o nosso Fluminense jogue, mas aqui eu falei

especialmente dos meus camaradas Antonio e Leandro.

O resto do mundo tricolor os conhece por Gonzalez e Campinho, e quem ainda não conhece deveria conhecer. Mais do que isso, principalmente aliás, conhecer e pensar duas vezes antes de falar de ambos.

Gostem ou não, é bom respeitar os meus amigos do Fluminense que ruge, ruge alto, alto pra caralho e não é nem será - nunca será! - para galhofeiros de ocasião. Quem avisa, amigo é.

SOBRE O AUTOR

Paulo-Roberto Andel é autor e coautor de dez livros sobre o Fluminense, dentre eles “Do inferno ao céu: a história de um time de guerreiros”, “Pagar o quê: respostas à maior bravata da história do futebol brasileiro”, “O Fluminense que eu vivi”, “O Fluminense na estrada” e outros. Por conta de seus esforços literários, recebeu a diplomação simbólica de Tricolor Ilustre em sessão solene do Conselho Deliberativo do Fluminense em 21 de julho de 2014. Também é coautor de “2014: o espírito da Copa”, além de autor dos dois volumes de “Cenas do Centro do Rio”.

Escreve regularmente no blog [otraspalabras!](#), sobre literatura e poesia, além de ser editor do blog [Panorama Tricolor](#), uma das referências de literatura de futebol do clube e do Brasil, cuja produção coletiva já ultrapassou o total de 10.000 páginas e 8.000.000 de visitas.

VILA
REJO



Esta obra foi produzida entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2017, com fonte Bookman Old Style. A versão eletrônica teve sua primeira edição distribuída gratuitamente, visando chegar aos tricolores que, por diversos motivos, possuem dificuldades de aquisição.

"... até que um dia todos possamos entender que este time e este clube são muito mais do que uma cidade ou uma pátria, muito mais do que o continente. O Fluminense é a mais perfeita tradução das emoções humanas em forma de camisa, vitória e teatro: há felicidade, superação, drama, tragédia, ressurreição, humildade, talento, generosidade, fé. O Fluminense de todas as classes, todos os santos, todas as procissões e terreiros. O Fluminense de todos os bairros, cada um de um jeito, colecionando afetos e ensinando o pioneirismo desta nobre arte que é o futebol, desde os tempos de Chico Guanabara. Sem o Fluminense, nenhum de nós seria o que somos no que temos de melhor."

